

Dia 15, data fatal do acerto

por Mário de Almeida
de Paris

A data fatal para o acerto de contas do Brasil com o Banco para Compensações Internacionais (BIS), como é conhecido pela sigla em inglês, é mesmo a próxima sexta-feira, dia 15. Esse banco, cujos acionistas são os bancos centrais dos países desenvolvidos, jamais comenta os resultados de suas reuniões mensais de diretoria. Ontem de tarde, contudo, a mesma notícia ricocheteava por diversas praças financeiras europeias: o BIS não esticará pela terceira vez o prazo para receber uma prestação de US\$ 400 milhões que o Banco Central brasileiro deveria ter recolhido no começo de junho.

A reunião do BIS continua hoje de manhã, mas os operadores dos mercados europeus resolveram agir sob o impacto do primeiro boato consistente a respeito das dificuldades do Tesouro brasileiro. Ficou

mais uma vez claro que a saúde da economia brasileira representa nestas semanas o principal motor da especulação mundial.

O BIS parece reagir por indicações mais racionais. Ontem os seus diretores ouviram uma palestra a portas fechadas do diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), o francês Jacques de Larosière, que descreveu a situação dos países endividados.

Mesmo que os representantes dos bancos centrais europeus tenham simpatia para com a crise cambial brasileira, a máquina do BIS, dirigida pelo suíço Fritz Leutwiler, pretendia cortar qualquer idéia de uma nova prorrogação no prazo da prestação. Seu argumento é de que os créditos-ponte devem funcionar efetivamente como uma ponte, que liga duas datas fixas, na expressão de Leutwiler. As duas prorrogações dadas ao Brasil, num total de 45 dias,

esgotam-se sem que o problema do acerto de contas com o FMI tenha sido resolvido.

Para o Brasil, portanto, os próximos quatro dias serão cruciais. Se as autoridades monetárias brasileiras e os funcionários do

FMI não produzirem um acordo antes desta sexta, é plausível que as dificuldades para reembolsar o BIS, hoje no centro dos acontecimentos, passem à história como um dos episódios menores na colisão com os credores.